

Entrevista com Fernando Henrique Cardoso

Entrevista concedida a Marcos Antônio Beal IFHC, Vale do Anhangabaú, São Paulo, 23 de setembro de 2013.

Bloco I: formação e Autointerpretação

- **Eu gostaria de iniciar por uma consideração mais geral sobre o estilo de sua obra: Bernardo Sorj, ao comentar seu estilo intelectual, afirma o seguinte: “Filho da sociologia da USP, Fernando Henrique incorporaria muito mais o modelo sociológico de Guerreiro Ramos (cf. SORJ, 2001, p. 92) do que o modelo sociológico de Florestan Fernandes, seu mestre (cf. SORJ, 2001, p. 93)”. Essa afirmação não subverte a interpretação dominante sobre seu pensamento? Em que medida o senhor concorda com ela?**

Fernando Henrique Cardoso: Eu não sei se o Guerreiro me influenciou mais do que o Florestan Fernandes. Acho que não. Pode ser que haja coincidência de estilo de pensamento. O Florestan foi meu professor a vida inteira, desde que eu tinha 17 pra 18 anos. Depois nós éramos, mais tarde, vizinhos e, a vida inteira trabalhamos muito. Ele me influenciou bastante. Agora, não sei em que sentido ele teria dito que o Guerreiro me influenciou. Por quê? Qual é a dimensão que ele acha?

- **A caracterização que ele faz se refere ao estilo da sociologia que o senhor produziu ao longo de sua trajetória, uma sociologia mais afeita às questões públicas, menos técnica, como temos visto no Brasil hoje.**

Fernando Henrique Cardoso: Nesse sentido, é possível que sim. Mas, aí, não só o Guerreiro, como o Celso Furtado influenciou também. O Guerreiro era, pra nós aqui de São Paulo, do pessoal do Rio, o mais influente, o mais consistente. Estou olhando com olhos daquela época. O primeiro trabalho de sociologia que eu fiz foi com o Guerreiro, para o Guerreiro. Era uma pesquisa

sobre evasão escolar no SENAI. O Florestan era amigo do Guerreiro e gostava dele, “redução sociológica” e aquela coisa toda. Então, possivelmente ele tenha uma influência indireta sobre mim.

- **Eu estou construindo uma interpretação de seu pensamento que se afasta do rótulo de “intelectual marxista”. Em outra direção, creio que seu pensamento bebe em três tradições do pensamento social brasileiro: o liberalismo político, a “escola paulista de sociologia” e o pensamento econômico estruturalista/desenvolvimentista. Esta interpretação está correta? Há alguma outra influência que o senhor ache que mereça destaque?**

Fernando Henrique Cardoso: De fato, me reduzir a intelectual marxista é perder um pouco do que eu realmente fui e sou. Porque eu só fui ler Marx depois que eu já tinha lido todos os autores clássicos. Se você pegar o livro que eu escrevi sobre o capitalismo e a escravidão no Brasil meridional, sem dúvida, aí tem uma influência grande de um debate sobre o marxismo, onde estávamos tentando fazer uma leitura que não é lá muito ortodoxa, e sim mais humanista do marxismo, a partir de Sartre, Lukács. O livro do Lukács “História e consciência de classe” me influenciou, a questão da consciência possível, do escravo etc. Aquilo foi um momento da minha vida. Eu, na verdade, sempre tive uma visão mais eclética. Mesmo neste livro, ele é eclético. O Roger Bastide, de quem eu fui assistente e que também me influenciou bastante, fez uma resenha para Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional em que ele fala que este livro, na França, não seria concebível porque nós misturávamos Marx, Weber e Durkheim. Aliás, naquele caso, muito mais Marx e Weber. Então, eu nunca fui de pegar “O método” e aplicar “O método”. E, quando eu li “O Capital”, eu não acreditava no Partido Comunista e nem na União Soviética. Depois da invasão russa à Hungria em 1956, nenhum de nós tinha nenhuma ilusão com o socialismo real. Então, quando nós lemos o Marx, foi muito mais em termos de uma leitura intelectual do Marx, de entender os procedimentos dele. Essa interpretação que você está sugerindo é verdade, corresponde absolutamente ao que eu penso. Na questão desenvolvimento, subdesenvolvimento, dependência, teoria, CEPAL, Celso Furtado aí existe uma influência indireta do marxismo. E o que eu ressalto sempre – não sei se você leu um discurso que eu fiz nos EUA no ano passado, chama-se “Razão e emoção”¹ –, nele eu faço uma discussão sobre quais foram as foram minhas

¹ Discurso de Aceitação do Prêmio Kluge. Washington, DC, 10 de julho de 2012.

influências e eu mostro isso que você está dizendo aqui: a minha formação não foi dogmática numa só direção. Diga-se, de passagem, nem o Florestan! Florestan virou marxista depois. Quando ele era meu professor, ele era um técnico e tinha uma visão acadêmica bastante cerrada, boa, e descobriu o “cada santo no seu altar” – Marx, Weber e Durkheim, dependendo da natureza do problema que nós fôssemos considerar. Então, nunca houve um dogmatismo metodológico da minha parte. E também é verdade que, do ponto de vista político, eu sempre tive uma visão mais liberal, que mantenho, não neo(liberal), mas mais liberal. Quer dizer, você vê a influência que tem sobre mim o Sérgio Buarque de Holanda: o Sérgio era um bom liberal. Depois virou petista, mas isso não quer dizer nada! É petista, mas é liberal. Como o Weffort.

- **Visualizo duas interpretações dominantes sobre seu legado, uma no plano intelectual e outra no plano político. De um lado, sua obra acadêmica é avaliada quase exclusivamente em função da “teoria da dependência” e da abordagem feita pelo senhor do processo de redemocratização. No plano político, o que impressiona é a presença acachapante de uma interpretação que o rotula como “neoliberal”. Como o senhor concebe a apropriação que a Academia Brasileira faz de sua obra, política e acadêmica? Como o senhor vê sua obra dentro das categorizações que se fazem em torno de sua obra?**

Fernando Henrique Cardoso: Essa questão do intelectual e do político é sempre patética. Essa história de “neoliberal” é uma invenção absolutamente ideológica. Nunca fui. Quando começaram a falar disso, eu nem sabia o que era “Neoliberalismo”. Isso era o negócio do coitado do Williamson², um inglês casado com uma brasileira, que criou a expressão “Consenso de Washington”. Quando o pessoal dizia: “Tá seguindo o Consenso de Washington”, eu nunca tinha lido o Consenso de Washington. Aqui, o que nós fizemos foi outra coisa: foi, simplesmente, adaptar à realidade brasileira, mundo novo, que é o da globalização.

² O economista inglês John Williamson, do International Institute for Economy.

- **Mas o que gostaria de sublinhar é a apropriação que a academia brasileira faz de sua obra intelectual...**

Fernando Henrique Cardoso: É equivocada! É ideológica. É destruição de imagem. Isso é influência de um pensamento petista. Porque não tem nada. Nem meu governo foi neoliberal. Se foi, o do Lula também foi. (Risos)

- **Terá sido mais, inclusive...**

Fernando Henrique Cardoso: Mais até. Não tem nada de neoliberal. É uma coisa de adaptação. Veja bem, uma coisa é o liberalismo político. Outra coisa é o liberalismo econômico. Nesse último discurso que fiz lá na Academia Brasileira de Letras³ falei um pouco disso. Uma coisa é você dizer: “as regras de mercado devem ser respeitadas”; outra coisa é dizer: “só elas”. Não! Você tem que ter o Estado que regulamente. Outra coisa é você dizer “O Estado tem que controlar tudo”. Também não. Você tem que encontrar novos mecanismos de interação entre Estado, sociedade civil e mercado. Não é Estado e mercado. Bom, então você tem que fazer uma adaptação de tudo isso. Não adianta você dizer: “Eu sou socialdemocrata”. O que é isso? No mundo de hoje, o que é isso? É como “neoliberal”. Não são conceitos, são epítetos, que tem uma caracterização às vezes doutrinária, às vezes política, e às vezes, ideológica ou tudo junto, não é? Quer dizer: você não pode imaginar que hoje você vai fazer, aqui no Brasil, um regime igual ao que foi feito na Europa da socialdemocracia. Porque a socialdemocracia foi uma extensão aos trabalhadores das liberdades civis, sociais e políticas que as outras camadas de classe média já tinham. Os trabalhadores ganharam isso. Então, a socialdemocracia foi a apropriação pelos trabalhadores das consequências do capitalismo e do liberalismo burguês. Aqui, o problema não são os trabalhadores, são os que estão fora do trabalho, o povo. O que recebe bolsa, os que não estão no sindicato. Então, lá no governo, eu não tinha que me preocupar, como na Europa, em estender os direitos aos trabalhadores, eles já tinham. Era incorporar mais gente, pela educação, pelas bolsas etc. Toda assistência pública e social começou no meu governo. De modo que essa coisa de neoliberalismo é realmente uma coisa patética, que a academia reproduz acriticamente. Acho que você tem razão.

3 Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 10 de setembro de 2013, em que passou a substituir o paulista João Scantimburgo, que ocupava a cadeira de número 36.

- **Acho que não é apenas a obra do seu governo que está malfeita pela academia brasileira, mas acho que é a apropriação de sua obra intelectual, feita com o intuito de desvalorizar sua trajetória intelectual recente, no sentido de associar o senhor com o marxismo, quando suas filiações teóricas são mais amplas do que esta.**

Fernando Henrique Cardoso: Muito mais. Mesmo na questão da dependência, qual foi a posição minha e do Enzo Faletto? Foi contra o que chamávamos de dependência na época, que era um marxismo pobre. Nós reivindicamos a dimensão política, a opção, a escolha, os caminhos alternativos. Na verdade, “Dependência e Desenvolvimento” foi um dos primeiros livros que tratou da globalização sem saber. Nós não sabíamos que estávamos tratando disso. Falávamos de “internacionalização do mercado interno”, quando não era apenas disso que se tratava, foi da produção, foi de tudo. Mas a tese principal diz o seguinte: não existe uma periferia uniforme dominada por um centro. São formas diferentes de periferia que se articulam variavelmente com esses centros, cujos caminhos são variáveis também, dependendo da ação política. Isso é o que foi dito naquele livro. O que aconteceu foi que, quando nós publicamos este livro, em seguida saiu o livro do Guevara com o Debray, “Revolução da Revolução”⁴, que dominou tudo e estava todo errado. Era o oposto do que nós dizíamos. Eles achavam que era “o foco”⁵, que a Argentina e que outros países estavam prontos pra revolução.

Bloco 2: Cardoso e o pensamento econômico brasileiro do ciclo do desenvolvimentismo

- **A maioria dos membros do ISEB era formada por pensadores nacionalistas, influenciados pelas ideias da CEPAL (entre eles Hélio Jaguaribe), instituição esta em que o senhor teve passagem marcante. No entanto, existem pouquíssimas referências de sua parte ao ISEB. Embora as razões estejam mais ou menos claras em relação ao que ficou conhecida como “Escola Paulista de sociologia”, eu gostaria de saber como o senhor concebe a importância deste**

4 O livro é de autoria apenas de Debray. Contudo, o autor era amigo pessoal de Ernesto Guevara e o acompanhou o mesmo na guerrilha, inclusive na Bolívia, onde este foi preso.

5 Referência aos “focos de subversão”, ou “focos guerrilheiros”, os centros de organização da luta armada.

instituto no conjunto de suas ideias. Pode-se dizer que o ISEB o influencia indiretamente, pela via da CEPAL? Por que o silêncio sobre o ISEB?

Fernando Henrique Cardoso: Não foi o ISEB que influenciou a CEPAL. Foi a CEPAL que influenciou o ISEB. A CEPAL tem influência política e cultural anterior. A grande figura da CEPAL era o Prebisch. Eu trabalhei diretamente com o Prebisch. Ele era um intelectual de porte, de grande argúcia, que tinha escrito um livro sobre Keynes⁶. Ele não conhecia Marx, ele conhecia bem Keynes. Ele acreditava muito na possibilidade de o mundo se organizar de uma maneira que compensasse a diferença Norte-Sul. Toda visão dele se estruturou em torno dos conceitos Norte e Sul, influenciado pela teoria de que o valor das mercadorias primárias era, em comparação com as mercadorias industrializadas, decrescente e que precisávamos compensar isso, que havia desequilíbrios no comércio e que havia outros desequilíbrios: o Norte desenvolvido tinha sindicatos; se apropriava dos ganhos de produtividade (que não se transferiam para o Sul) etc. E o Prebisch fez a UNCTAD⁷. Ele foi fiel nessa linha. A segunda pessoa que teve peso na CEPAL foi o Celso Furtado, que era jovem, mas teve peso. Eram muitos, mas o Celso se destacava bastante e que levou adiante as teorias do Prebisch e aplicou no Brasil. As análises do Celso são uma aplicação das teorias da CEPAL ao Brasil, mas com a contribuição dele, tanto lá quanto aqui, não estou diminuindo o Celso não. Eu assisti a um seminário com os dois, coisa de um mês ou dois, e foi daí que nasceu Desenvolvimento e Dependência, das discussões que nós tivemos lá. Estava o Enzo Faletto, o Osvaldo Sunkel, uma vez foi o Aníbal Pinto, o Weffort foi assistente lá. Enfim, fizemos uma discussão muito interessante e, àquela altura, na CEPAL, não se falava de ISEB e o nacionalismo nunca foi tão exaltado na CEPAL quanto no ISEB, porque o Prebisch, que era keynesiano, nunca perdeu o sentido de que, o que caracteriza o regime capitalista, é o ganho de produtividade, é a mais-valia relativa, é aumentar a produtividade do trabalho. Portanto, nós precisaríamos ter uma base industrial aqui, para tecnicizar,

6 PREBISCH, Raúl. *Introducción a Keynes. México: Fondo de Cultura Económica, 1947. No Brasil como "Keynes, uma introdução"*.

7 Órgão da ONU, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) foi estabelecida em 1964, em Genebra, Suíça, atendendo às reclamações dos países subdesenvolvidos, que entendiam que as negociações realizadas no GATT não abordavam os produtos por eles exportados.

e isso não se faz sem capital. Como o capital dependia de poupança e como não havia poupança suficiente, ele nunca foi contrário à poupança externa. Mas ele achava que deveria haver um instrumento de regulação, o Estado, de tal maneira que equilibrasse esse processo. Mas ele não tinha a visão de um nacionalismo anticapitalista, anti-imperialista, digamos assim. Não era essa a visão da CEPAL. A visão era de que você tinha que cuidar, forçar para que houvesse investimento produtivo. Ele não tinha a preocupação com o tipo de investimento, nacional ou estrangeiro. Tinha sim a ideia de que o Estado era o elemento de regulação. O ISEB era mais ideológico. Eles eram muito mais anticapital estrangeiro e muito mais Estado. Nós aqui, em São Paulo, sob a grande influência do Florestan, achávamos que aquilo ali era ideologia. A visão média do jovem sociólogo da USP nos anos 50 e 60 com relação ao ISEB é que o ISEB era um aparato ideológico do Estado, porque o ISEB era ligado ao Ministério da Educação. Depois veio Juscelino: eles eram juscelinistas, nós não. Nós éramos a esquerda. Na verdade, se você for olhar os nossos trabalhos desta época, inclusive do Florestan, eles são mancos, porque nós tínhamos muito pouco presente a dimensão do Estado, do governo, nós éramos muito mais classe. A gente via o mundo pela ótica da luta de classes e eles pela ótica do Estado. Estou exagerando os dois lados pra mostrar a diferença. Mas o certo é você ver que tem o Estado e tem a classe, mas tem que mesclar.

- **Nisso o senhor considera que houve uma inflexão no seu pensamento?**

Fernando Henrique Cardoso: Ah, sim! Não tenha dúvida. Houve uma politização do meu pensamento. A “descoberta” do político, embora não seja correto falar em “descoberta”. Aí tem um outro lado, que é de biografia. Aqui em São Paulo, na USP, onde nós estudávamos, eles eram muito isolados do mundo, era um grupo de gente que estava fechado na universidade. São Paulo já era isolada do governo, porque perdeu a Revolução de 1932, etc. A USP era uma torre de marfim. E eu sou de uma família de outro tipo de gente. O meu bisavô já foi homem de Estado, foi senador, foi governador. Meu avô era marchal, foi republicano. Meu pai era deputado, era general. Todos eles tinham muita ligação com o Estado, eram militares. Então, eu não podia ter a mesma visão, tão ingênua. Na época, eu não tinha noção do que estou dizendo agora a você. Estou apenas reconstruindo em que eu diferia dos meus colegas. Eu tinha mais mundo do que a USP, a minha visão era mais ampla, do ponto de

vista não do mundo em geral, mas do Brasil. Porque a USP era muito fechada, era muito paulista e muito ligada à França. Havia uma perspectiva de que nós iríamos criar aqui condições para fazer uma universidade de alta categoria, de nível europeu. O ISEB não, botava mais a mão na massa, era mais próximo dos problemas reais do Brasil. Esses problemas invadiram a USP só com os acontecimentos dos anos 50 e 60, Getúlio, Jango, rua, greve, trabalhador etc. Então, nós todos fomos sendo absorvidos pela dinâmica da vida. Mas até então, o que nós fomos estudar? Negros. Capitalismo e escravidão. Ou então, o que era a ideia do Florestan, fazer de São Paulo uma Chicago, no sentido de fazer com ela o que fez a Escola de Chicago, estudar a cidade. Era uma temática que não passava pela política.

- **O senhor mesmo chegou, em algum momento de sua trajetória, a aventar a possibilidade de escrever um “Grande indústria e Favela”...**

Fernando Henrique Cardoso: Essa era a ideia que eu tinha. Exatamente. Era um pouco isso. Do ISEB, o Florestan gostava do Hélio Jaguaribe. Quando fui fazer minha tese de docência eu li tudo⁸, tanto que, neste livro, eu diálogo com o Hélio Jaguaribe, o Cândido Mendes etc. Eu gostava muito do Hélio Jaguaribe, porque ele tinha uns estudos muito bons de conjuntura política, ele tinha o “nervo” da política. Então, isso me influenciou. Tem um outro livro meu, que eu nem lembro mais como se chama, em que eu tento descrever as eras, nos governos autoritários ainda, ali tem um pouquinho do que o Hélio fazia com o Juscelino, com o Jango, numas análises sucintas para tentar entender qual é a dinâmica desse processo, como é que a política está jogando nessa questão.⁹

- **Dá pra dizer que a leitura do Hélio Jaguaribe acabou, de certa forma, introduzindo o senhor na ciência política então?**

Fernando Henrique Cardoso: Ah, não tenha dúvida. Pode dizer sim. Eu me fascinei pelo modo como ele discutia política. Aqui na USP nós não estávamos na política. Éramos sociólogos. Quem andava por aqui era o Perry An-

8 *Publicada sob o título* Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil. São Paulo: Difusão Europeia do Livro (Difel), 1964.

9 *A referência é ao ensaio* “O modelo político brasileiro”, publicado como III capítulo do livro O modelo político brasileiro e outros ensaios.

derson¹⁰ e com ele a gente discutia classes, era marxismo. Tivemos, depois, a influência do Touraine¹¹ que foi muito grande. Com ele, nós tentamos, através do Sartre, dar um pouco mais de liberdade na análise de processos por uma interpretação mais marxista. Enfim, nós fomos criando, sem ter muita noção.

Bloco 3: Cardoso e o pensamento liberal brasileiro

- **É correta a interpretação segundo a qual a leitura crítica de Gilberto Freyre estimulada pela “Escola paulista de sociologia” e por Florestan aproxima o senhor do interesse pela tradição liberal brasileira, pavimentando o caminho para a leitura que o senhor fez de Joaquim Nabuco e Sérgio Buarque de Holanda? Ou seu interesse pelo pensamento político liberal vem de outras fontes?**

Fernando Henrique Cardoso: O Joaquim Nabuco e o Sérgio sempre me influenciaram. O Joaquim Nabuco influenciou o Florestan também, por causa dos estudos sobre os negros. E, a mim, muito, por causa do livro sobre o pai dele, *O Abolicionismo*, e o Sérgio também. O Sérgio era professor da USP, amigo nosso, uma grande pessoa, muito amigo do Antônio Cândido, mais do que dos outros. Eu ia sempre às festas de aniversário do Sérgio, o Chico cantava. Tanto o Sérgio quanto o Nabuco tinham uma noção da coisa política. O Sérgio era um dos poucos realmente democratas, porque, na época dele, a ênfase estava posta no Estado. Ele escreveu o livro nos anos de 1930 e a aposta dele não foi no Estado, foi na democratização da sociedade, a classe trabalhadora subindo para democratizar – aquele negócio do “homem cordial”. Nada de arbítrio: para ele, o que vale é a lei, a regra. Isso me marcou muito. Talvez mais do que o Nabuco, porque o Nabuco eu lia como historiador, o Império e tudo mais. Certamente foi por aí.

- **Mas o detalhe histórico que eu gostaria de registrar é se esse interesse pelo pensamento político liberal, se ele vem do Nabuco, ou se ele tem alguma outra fonte. Digo isso porque já há, nos seus estudos raciais, um certo gosto de sua parte por esta tradição de**

10 Historiador marxista, professor de História e Sociologia na Universidade da Califórnia – Los Angeles, e editor da *New Left Review*.

11 Alain Touraine, sociólogo francês, cuja obra é reconhecida, principalmente, pelo estudo dos movimentos sociais.

pensamento. Inclusive, há uma epígrafe do Joaquim Nabuco num dos seus livros...

Fernando Henrique Cardoso: Não. Veja bem, Eu li o Tavares Bastos. Eu li muito a discussão, no Império, entre os conservadores e os liberais, a “Lei dos Círculos”¹², a “Lei Saraiva”¹³, as formas de representação etc. Tudo isso foi formando um substrato na minha cabeça. Depois, quando nós estávamos na faculdade, a onda era ler Mannheim e eu me interessei muito por ele com a leitura de *Ideologia e Utopia*¹⁴, com a vinculação que ele faz entre liberdade e planejamento que, no fundo, é a questão da democracia. Isso também me influenciou. Então, não foram só as fontes locais.

- **O senhor se considera um herdeiro dessa tradição, do pensamento político liberal brasileiro?**

Fernando Henrique Cardoso: Acho que não. Eu não vou a tanto. Porque eu não sou propriamente liberal, no sentido que eles eram. Porque eu acho que é outra época. Eu acho que você tem que ser politicamente liberal, mas economicamente, não. E o liberalismo brasileiro também era, por causa do Ruy (Barbosa), liberal em tudo, na economia, na política, em tudo. E eu me considero liberal no sentido, digamos, contemporâneo, que é o liberal-social, digamos. As franquias democráticas, os direitos sociais, fazem parte da minha visão política, e não simplesmente o direito individual. Eu sempre me interessei pelo meio ambiente, pelos direitos difusos, pelos direitos coletivos, que não estavam na temática dos liberais do passado, que estavam preocupados com os

12 O Decreto n. 842, de 19 de setembro de 1855, que alterou a Lei de 19 de Agosto de 1846 é considerado a primeira grande reforma eleitoral do país, ficando conhecida como a “Lei dos Círculos” (ou dos “distritos eleitorais”). Elaborada no governo do Marquês do Paraná, suas principais características eram: a divisão das províncias em círculos de 1 (um) só deputado e a eleição dos suplentes. Na ocasião, Tavares Bastos considerava o sistema de círculos de circunscrição única por província menos adequado. Em 1860, a lei foi modificada criando-se o círculo de três deputados e, abolindo a eleição de suplentes. A “Lei dos círculos”, foi inspirada diretamente na Lei Eleitoral francesa de 22 de dezembro de 1789, cujo art. 25 estabelecia três escrutínios, exigindo maioria absoluta no primeiro, no segundo e, caso em nenhum houvesse algum candidato obtido a maioria absoluta, no terceiro escrutínio, somente poderiam ser candidatos os dois mais votados na segunda eleição anterior.

13 A “Lei Saraiva”, de autoria do Conselheiro José Antônio Saraiva, teve a colaboração de Rui Barbosa e é considerada a grande reforma eleitoral do Império. Datada de 1880, a lei estabelecia: a) eleição direta, b) círculo de um só deputado, c) regulamentou as inelegibilidades; d) estabeleceu severas penalidades contra as fraudes e e) criou o título de eleitor.

14 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

direitos e propriedades individuais. Eu tenho menos interesse com a garantia da propriedade e mais preocupação com a garantia de direitos coletivos e também os individuais, não os excluo.

Bloco 4: Cardoso e o pensamento socialdemocrata no Brasil

- **Por ocasião da fundação do PSDB, o senhor defendeu a não adoção da expressão “socialdemocracia”...**

Fernando Henrique Cardoso: Eu realmente não quis colocar a expressão socialdemocracia. Por quê? Porque nós não tínhamos sindicatos. Porque aqui era uma outra realidade. Sabe porque que ficou “PSDB”? Porque parecia PMDB. A razão política que para isso foi: PMDB, quatro letras; PSDB, quatro letras. Eu, que estava do lado do Montoro naquela época, queria “Partido Popular Democrático” ou algo assim. O Montoro não queria socialdemocracia por outra razão: porque ele tinha ligação com os partidos católicos da Europa, que eram contrários à socialdemocracia. Eu não tinha esta razão em mente. O meu argumento era o seguinte: “Olha, vocês vão criar um partido e vão botar esse nome. Eu sou sociólogo e vou ter que explicar como é que um partido sem sindicato vai se chamar socialdemocrata”. Socialdemocrata acabou sendo o PT. Na época eles não queriam ser, tinham horror à socialdemocracia, que não era revolucionária, era reformista. No meu caso não foi isso não. Eu dizia: “Olha, não tem correspondência. A situação brasileira é outra. Aqui nós precisamos é fincar uma democracia que tenha conotação popular. Não democracia popular a la comunismo, mas uma democracia popular, sem o protagonismo dos sindicatos, que atinja o conjunto da população, o povão”.

- **Essa discussão, pelo que lembro, foi feita no final da década de 80, início da década de 90. No entanto, de lá pra cá, parece que houve, de sua parte, uma certa incorporação da expressão “socialdemocracia”. Em seus escritos mais recentes, o senhor volta a fazer uso dela, lhe servindo, inclusive, para o título de um de seus últimos livros. O que mudou?**

Fernando Henrique Cardoso: Há sim. Pela Terceira Via. Por que voltei a falar de socialdemocracia? Porque a socialdemocracia europeia passou a ter uma outra conotação. Com o Clinton, o Tony Blair... O Clinton não é

propriamente. Mas, o que eles fizeram aí? Começaram a dizer: “Olha, vamos respeitar o mercado, mas, não vamos deixar o Estado de lado e vamos garantir as liberdades individuais e coletivas”. Todavia, o que se produziu em termos de Terceira via, que não foi muito, porque eles criaram um movimento de homens de Estado. Então, o sujeito deixava de ser governador, presidente, deixava de participar. Não enraizou. Agora, o Tony Giddens, que é meu amigo, tinha muita influência nesse tipo de pensamento. Uma parte dos socialistas aderiu a ele, outra, não. O Mário Soares, por exemplo, nunca topou isso, porque aí tem uma briga na Europa, entre facções da Internacional Socialista, então, estão envolvidas outras razões. Mas, sem dúvida alguma, nesse sentido, eu passei a falar mais em termos de uma socialdemocracia. Mas, reitero, não é mais aquela originária, que deu origem ao Labour na Inglaterra ou o Socialista na França. É muito mais próximo do Rocard¹⁵ na França.

- **Nós estamos vivendo um momento de globalização, inclusive há quem fale numa dimensão política da globalização. No entanto, nós não podemos falar da mundialização de um ideário político, qualquer que seja. Não podemos falar, hoje, de uma socialdemocracia global...**

Fernando Henrique Cardoso: Não. Não pode. Isso é uma coisa interessante. A globalização não é um fenômeno uniforme. Pega o Japão, a terceira maior economia do mundo. O Japão é muito diferente dos EUA e vai ser sempre. Na política, na cultura e em tudo mais. Não vai haver homogeneização do mundo simplesmente porque você tem um sistema produtivo que se integra mais. A China está cada vez mais integrada no sistema produtivo e, não obstante, vai ter suas diferenciações. Então, você não vai ter uma homogeneização do mundo, nem na política, nem é bom que tenha. Na política, tem sempre um lado que é local. Você tem que ver qual é a situação, quais são os interesses em jogo. Você pode ter uma certa similitude. Obviamente eu não quero dizer que não existam diferenças entre partidos de direita e de esquerda, há. Por exemplo, porque o PSDB é centro-direita e o PT é centro-esquerda? Não há lógica nisso

15 Michel Rocard ocupou o cargo de primeiro-ministro da França, entre 10 de Maio de 1988 a 15 de Maio de 1991 e é, desde 1994 deputado no Parlamento Europeu. Também é membro do grupo parlamentar do Partido Socialista Europeu. O “rocardismo”, constituiu-se numa corrente dentro do Partido Socialista que mostra uma tendência à descentralização política (Congresso de Nantes, 1977), abertamente hostil à nacionalização integral da economia (defendida pelos mitterrandistas).

aí. E o PMDB, é esquerda? Ou o PDT, ou o PTB? Não é nada! Esses cortes já não são mais nítidos dessa maneira. O que o PSDB é, ou foi, pelo menos? Um partido que modernizou o Brasil nos seus aspectos produtivos, nos seus aspectos econômicos, que manteve a democracia fortemente e que deu espaço para a inclusão social – educação, organizou a saúde e todos esses programas que estão aí foram criados ou fortalecidos no meu governo. Ideologicamente, qual é a grande diferença entre o PT e o PSDB? O PT respeita as regras de mercado. A Dilma não gosta, mas respeita. Já nós, sabemos que elas não são tudo. Agora, o PT acredita que a transformação se dá da seguinte forma: o partido toma conta do Estado e o Estado manda na sociedade. O PSDB não é assim. Ele acha que deve haver uma interação muito mais frouxa entre a sociedade, a política e o Estado. Essa é a grande diferença. Quanto ao resto, é conversa. O capital estrangeiro continua vindo muito mais. Agora estão fazendo concessões, só que estão fazendo de uma maneira estranha: eles dão dinheiro pra fazer concessão. Nós fazíamos concessão porque precisávamos de dinheiro; agora não, eles pagam pro sujeito entrar na concessão. Então, a diferença real é política, é esse enlace partido-Estado-sociedade. Eles são mais corporativistas e, nesse sentido, mais tradicionais na política brasileira.

- **No mundo político regulado pelo pragmatismo, o senhor acha que ainda existe espaço para a ideologia e para a utopia?**

Fernando Henrique Cardoso: Não é grande, mas algum espaço sempre existe. Você não pode dizer que as pessoas que se filiam a uma ideologia, que têm uma utopia, que elas, mudando de partido, que essa mudança não represente uma mudança na plataforma dos seus valores. Há mudança. Uma é essa que estou dizendo: o PT é fiel à ideia de que o partido é tudo. O PSDB não acha isso. Outros partidos acreditam que eles são o fiel da balança... Vou contar um episódio que eu conto sempre. O Sérgio Buarque de Holanda estava examinado aqui em São Paulo a tese de uma moça chamada Paula Beiguelman¹⁶, que, depois, disputou comigo a cátedra. Ela queria caracterizar as correntes do pensamento brasileiro do Império. Então, o Nabuco era o pensamento democrático-liberal; o Paraná era não sei o que lá; o Bernardo Pereira de Vasconcellos era conservador. A uma certa altura, o Sérgio disse pra ela: “Doutora Paula, a senhora acha que o Bernardo Pereira de Vasconcellos leu Burke?”; A senhora acha que o Marquês do Paraná conhecia o Burke? Eles não eram

¹⁶ BEIGUELMAN, Paula. *Formação Política do Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1976.

conservadores; eles eram atrasados”. Aqui, a maior parte dos partidos são atrasados: são fisiológicos, querem ter uma ligação com o Estado. Não são nada. Vão aderindo ao que seja. Você tem, digamos, dois ou três polos, que são os que puxam um pouco mais pra cá, um pouco mais pra lá. No Brasil você tem dois: é o PT e o PSDB que tem capacidade de formular alguma coisa para levar adiante o processo político. Os outros, se colam em quem ganhar, desde que você pague a eles uma “boquinha” no Estado. Qual é a diferença entre os dois? O PT faz de má vontade o que o PSDB faz achando que não tem outro jeito, que é modernizar o capitalismo. O PT custa modernizar porque ele é contra o capitalismo, mas como ele não tem nenhum caminho prático pra fazer outra coisa, ele vai fazendo malfeito. E isso afeta a eficiência do que ele faz. A outra diferença é a que eu disse antes: acreditar mais no Estado, ou mais na sociedade.

- **Durante o processo de fundação do PT e, ao longo da década de 80, o senhor criticou muito o “basismo” praticado pelo partido e, em relação ao PDT o personalismo centralizado na figura do Leonel Brizola. O senhor acha que os problemas do PT, hoje, ainda estão ligados a esta herança?**

Fernando Henrique Cardoso: O PT é uma mistura de três coisas: a Igreja Católica (Comunidades de Base, igreja renovada); os sindicalistas; e os ideológicos (que perderam a luta armada e entraram no PT). Hoje, predominam os sindicalistas. Os que eram ligados aos movimentos da Igreja não tem mais influência no PT. Podem até ter se ajustado, como o Gilberto Carvalho, que se ajustou ao poder, mas não é ele quem suscita o movimento do PT. O basismo do PT vem da Igreja Católica, vem das comunidades eclesiais de base. O PT está passando um pouco do que ele era, um partido político assembleísta – veja o orçamento participativo, desapareceu, ninguém fala mais disso – e se transformando mais um partido a la Brizola, mais messiânico. Tanto que está usando esses movimentos que ele organizou, de base, como instrumentos ao estilo do Getúlio, ao estilo corporativista. O PT está mudando a pele, está sendo menos basista.

- **A propósito, onde estão os intelectuais que fundaram o PT?**

Fernando Henrique Cardoso: Desiludidos. Uns deixaram, como o Weffort, o Moisés ou o Benjamin¹⁷. Foram para o PSDB ou para outros partidos.

¹⁷ Francisco Correa Weffort e José Álvaro Moisés foram professores da USP e intelectuais petistas na década de 1980, desligando-se do partido nos anos 1990. César de Queiroz Benjamin participou da luta armada contra

Outros, ainda, têm uma atitude meio pragmática, do tipo: “Eu sou PT, não me amolem”. São cultuados porque são do PT, mas não fazem nada, sumiram. Você não tem hoje, como teve, uma luta ideológica capitaneada por intelectuais petistas. A luta hoje é outra: é na sociomídia, nas redes. Mas aí não são intelectuais, são empregados, são parte do aparato, da máquina do petismo, que não estão discutindo ideias, estão criticando pessoas, xingando, fazendo infâmias. E tem alguns intelectuais, como a Marilena Chauí, que abandonaram qualquer visão crítica pra ficarem idólatras do Lula. Mas estes não tem poder no PT. O grupo intelectual perdeu poder no PT. O poder, no PT, hoje, está nas mãos dos sindicalistas, está na mão do Lula, na verdade, do Dirceu. Mas o Dirceu¹⁸ não é a mesma coisa que o Lula, é o lado revolucionário que deixou as armas. Dessa vertente você ainda encontra alguns, mas que perderam a visão revolucionária. Acabou!

- **O senhor acha que é possível dizer que o intelectual crítico, que quis se colocar como um intelectual de esquerda vive, hoje, uma dupla crise, de um lado pela descrença na utopia e, de outro, pela vivência de uma certa fragmentação e especialização na produção do saber?**

Fernando Henrique Cardoso: Acredito que sim. Eu não posso ser injusto. Eu tenho alguns amigos que são intelectuais e são do PT, como o Roberto Schwarz¹⁹, que continua sendo um bom intelectual e continua sendo petista, mas ele não faz a defesa das políticas do PT, ele tem uma ideia de PT. Todos eles, no fundo, tem uma racionalização: “ah, a vida dos pobres melhorou”. Mas, veio melhorando desde o meu tempo. É só acumulação de melhorias. Eu não vejo o petismo ideológico na ofensiva, isto é, propondo coisas. De repente exista e eu não conheço.

Bloco 5: o pensamento social brasileiro contemporâneo

- **Como senhor vê hoje a produção da Sociologia no Brasil? Acha que ela perdeu o ímpeto inicial que tinha na época do Florestan?**

o regime, sendo perseguido e exilado. Foi cofundador do Partido dos Trabalhadores e membro dos quadros do partido até 1995. Em 2004 migrou para o PSOL, do qual também se desligou.

18 José Dirceu de Oliveira e Silva, político e advogado brasileiro, também cofundador do Partido dos Trabalhadores.

19 Roberto Schwarz, crítico literário e um dos principais continuadores do trabalho de Antônio Candido.

E aquela pretensão totalizadora que os clássicos atribuíam a ela, o senhor acha que ainda tem alguma efervescência ou entrou em declínio?

Fernando Henrique Cardoso: A sociologia virou uma disciplina, como qualquer outra disciplina, com suas regras, com seus mundos, com seus objetos. Era nossa paixão, na época, justificar a existência de uma ciência específica chamada sociologia. Durkheim! O que é o fato social? Anterior, exterior, coercitivo. Você tinha que arrumar um modo de afirmar: “Isso é terreno meu, não é da antropologia, nem da economia, nem é da história!”. O que é válido; intelectualmente é correto. Quando você passa a se interessar pela análise de processos, discutir situações concretas, é muito difícil você limitar a sua visão à lente definida dessa maneira. Você acaba se expandido mais. O que não quer dizer que a produção acadêmica no Brasil, que é enorme, não tenha crescido e que não tenha valor. Ela cresceu e tem valor. No entanto, hoje ela é especializada.

- **O senhor tem, a meu ver, uma posição dentro das Ciências Sociais que não coloca limites rígidos entre as disciplinas. Podemos dizer que o sentido de seu pensamento é caracterizado por um “estilo” próprio de fazer sociologia, que podemos denominar de “sociologia pública” (em oposição a uma sociologia “técnica”, “especializada”). Esta interpretação o aproxima de autores como Nabuco, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado e o distancia da sociologia produzida no Brasil atualmente. Está correto? Como o senhor avalia a sociologia que o senhor produz em relação à sociologia que é produzida no Brasil atualmente? O que lhe diferencia?**

Fernando Henrique Cardoso: É verdade. Tem razão. Quando a gente fala hoje em intelectual público, não é só o sujeito que vai público, mas é o sujeito que tenta re-totalizar. A ciência, progressivamente, vai deixando de pensar o conjunto, para pensar as partes e desvendar cada vez mais. Vai da molécula ao nêutron, ao méson. De repente, alguém tenta explicar o buraco negro. Aí já é outra coisa. É claro que se você for aos ensaístas, que nós criticamos tanto no passado, eles faziam ensaio e não tinham tanta preocupação com a análise (metodológica). Hoje, um intelectual sério, público, ele não pode sacar uma ideia, tem que ter uma certa capacidade de entender também a concretude do real, suas diferenças, etc. Mas a grande diferença é essa: na medida em que

eu passei a me interessar por esta dimensão de concretude (veja bem, eu fui presidente da República, eu tinha que pensar no conjunto e, antes disso, meus trabalhos foram de crítica ao autoritarismo), eu fui me preocupando crescentemente com a história, com a evolução. Aí você vai tendo que sair da camisa de força da sua área para entrar noutras. Mas eu não fiz isso como quem despreza os que estão na camisa de força, porque ela é importante. Eu acho que a sociologia brasileira tem produzido estudos muito bons. Recentemente, eu escrevi um prefácio para o livro do Celso, está nesse livro²⁰. Eu li uma porção daqueles autores que estão naquele livro. Eles têm um conhecimento especializado enorme, que o Celso não tinha. O Celso era um intelectual público, mas isso não diminui o Celso. Só que, se ele estivesse vivo hoje, ele incorporaria aquilo. Eu acho muito importante que continue a haver esse tipo de gente.

Então, eu não sei se perdemos o ímpeto do tempo do Florestan. Florestan era uma pessoa fora de série. Ele era um apaixonado. Depois ele virou o que não era, um homem de ação política. Ele foi deputado, eu era senador e muitas vezes ele foi lá se queixar comigo que ele estava perdido ali. Florestan não era um homem de ação política. Ele era um homem de reflexão. E era um apaixonado, motivado, com força, um homem íntegro e com uma cultura enorme. Com essa personalidade tão forte, ele induzia a gente a ser sociólogo. Ele tinha horror que eu fosse pra política. Depois ele foi deputado... a vida é assim. Quando nós fizemos o Seminário do Marx, um dia ele me disse assim: “Vocês estão loucos? Estão lendo esse velho (Luckács)? Vocês vão virar ensaístas outra vez”. Ele queria a boa ciência empírica, não queria saber de ensaio e nem de política. No fim da vida, quando ele perdeu a cátedra, e teve o autoritarismo, aí ele se embrenhou na política. Mas ele não era político. O lado grandioso do Florestan não era esse. Ele não era uma mediação que comovesse multidões, que agregasse. Ele era um intelectual de grande qualidade. Então, sem dúvida, houve essa perda na USP. A USP perdeu influência nacional. Eu nem estou falando de importância científica, estou falando de eco nacional. A USP e todas as universidades. Isso é normal, é o desenvolvimento da sociedade. Lá atrás, os intelectuais tinham um peso maior do que tem hoje, porque a sociedade era

20 “A propósito de Formação econômica do Brasil”. Prefácio ao livro de COELHO, Francisco da Silva e GRANZIERA (Orgs.). *Celso Furtado e a Formação econômica do Brasil. Edição comemorativa dos 50 anos de publicação*. São Paulo: Ordem dos Economistas do Brasil/Atlas, 2009. In: CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

mais acanhada. Então, o intelectual, de alguma maneira, a la Mannheim, fazia sínteses, falava pelo outro que não falava. Hoje a pessoa fala, vai pra rua. Tem a internet, todo mundo se expressa. Não precisa do intelectual pra se expressar e nem do político sequer. Vai pra rua, sozinho. Então, estamos vivendo uma outra sociedade, na qual o intelectual tem um papel mais modesto. O político não. Até estamos precisando ter alguém aqui capaz de ver mais longe, falar mais forte e de dar rumo. Mas não é o intelectual quem vai fazer isso, é o político. Curiosamente, no Brasil, sempre houve um trânsito direto entre as duas atividades. Esse que nós estamos mencionando aqui, o Nabuco, foi deputado, foi ministro. Gilberto Freyre, Florestan Fernandes... todos passaram para o plano político. Uma coisa curiosa é que, quando eu fui, os meus colegas todos disseram; “Ah, agora deixou de ser intelectual”. E o Nabuco, deixou de ser? O Florestan deixou de ser? Ninguém deixou de ser.

- **E essa perda de pretensão totalizadora interfere na produção de interpretações sobre o Brasil?**

Fernando Henrique Cardoso: Realmente! Essa perda de pretensão totalizadora diminui a capacidade de interpretar. Não tenha dúvida. Não precisa ser sociólogo para interpretar. Se você olhar a história intelectual do Brasil, durante boa parte da nossa história, o intelectual fundamental era o advogado, o bacharel, por causa da lei. Depois foram os economistas. Houve um momento em que foram os sociólogos, mas agora continuam sendo os economistas. Talvez, agora, passem a ser os sociopsicólogos, por causa dessa coisa de novos movimentos da sociedade. As pessoas não entendem muito bem, então vão pegar figuras como o Castells²¹, que é sociólogo, mas é comunicador também. Então, o sociólogo strictu sensu fala pouco. Por exemplo: o sociólogo fala de classes. Mas, esses movimentos recentes você não explica pela classe. Que classe esteve na rua nos últimos protestos? Hoje existem problemas que cortam as classes todas. Vai andar no trânsito de São Paulo: o rico o pobre, o classe média, sofrem todos; a poluição, o crime, os efeitos são sobre todas as classes. Não é que não existam diferenças de classe, nem importância da classe, mas é que tem outras dimensões da vida contemporânea que agregam as pessoas de uma maneira diferente. Não negam sua classe, mas se agregam. Você tem vários papéis, muitas “cartolas”, muitos chapéus, e isso afeta.

21 Manuel Castells Oliván, sociólogo espanhol.

- **François Dosse, um autor francês, emprega o conceito de “biografemas” para designar aqueles “fatos pessoais que tenham poder explicativo sobre a trajetória e o pensamento de um autor”. Existe algum fato em sua trajetória que tenha este poder explicativo? Qual?**

Fernando Henrique Cardoso: Tem, talvez, um fato que eu já mencionei aqui. Eu sou de uma família ligada com o governo, com a política. O meu pai foi preso duas vezes, na Revolução de 1922 e na Revolução de 1924²². Na Revolução de 1924 meu avô, que era Marechal, conspirou contra a República oligárquica. Então, isso sempre influenciou em mim, muito. O exílio também te marca. Você ser arrancado de sua terra. Para uma pessoa como eu, enraizada aqui, é uma coisa difícil de assimilar. Tanto mais porque o que eu fazia não tinha tanto risco para terceiros, pois eu só fazia pregação. Eu não cheguei a ser torturado, mas fui pra OBAN²³ e vi gente ser torturada. Ir num lugar onde torturam é uma coisa que você não vai esquecer nunca.

- **No livro *O mundo em português*, o senhor cita Giddens, Bobbio e Habermas como autores que precisamos ler para compreender politicamente o mundo contemporâneo. Os autores da teoria sociológica contemporânea que lhe fazem mais sentido são esses mesmos? Há algum outro? Por que eles são realmente importantes?**

Fernando Henrique Cardoso: O Bobbio, no fundo, é a revivescência do pensamento liberal com tinturas sociais; O Habermas é mais complicado, tem a ideia do espaço público, mas tem seu peso. Desses, o Giddens, o Bobbio e o Habermas, o Giddens é mais contemporâneo. O Bobbio é um jurista, basicamente, com formação filosófica enorme, sempre apelando para a etimologia. Como jurista, eu não sei julgá-lo. O Habermas tem importância como aspiração de que haverá uma agenda pública, da criação de um espaço público, tem seu sentido. Mas, como influência sobre o mundo contemporâneo, o Giddens

22 *Ambas ocorreram no contexto do Movimento tenentista, que reivindicava o fim das oligarquias da República Velha. O pai, um tio e o avô de Fernando Henrique Cardoso eram integrantes do movimento e estiveram presos.*

23 *A Operação Bandeirante (OBAN) foi um centro de informações e investigações montado pelo Exército do Brasil em 1969, que a coordenava e integrava as ações dos órgãos de combate às organizações armadas de esquerda durante o regime autoritário.*

certamente. Agora, quem me influenciou mesmo foi o Florestan e o Bastide. Sobre o Florestan, já comentei. O Bastide foi muito importante por abrir para a gente as janelas do mundo. Ele nos passava psicanálise, coisa que, na época, ninguém falava. E eu tinha interesse nisso. Eu fiz pesquisa no Instituto de Psiquiatria junto com a Maria Izaura²⁴ pra ele. A pesquisa com os negros, com ele também, me influenciou bastante, abriu minha cabeça para muitas coisas. O Antônio Cândido teve um certo papel também, por ser o oposto disso. Uma pessoa que não era totalizadora na sociologia. Na literatura, depois, foi. Ele tem um livro que eu gosto muito, *Os parceiros do Rio Bonito*. Sobretudo pelo estilo, que era impressionante para nós.

O Touraine me influenciou muito. Ele chegou aqui, nós éramos todos jovens, e ele disse: “Olha, vocês estão analisando o Brasil como se fosse a Europa. Aqui, além das classes, tem Estado, tem a ideia de Nação. O nacionalismo aqui pesa”. E, depois, continuou me influenciando, a mim e à Ruth porque foi o homem que viu a importância dos movimentos sociais. Ele veio com o negócio do feminismo e, naquela época, ninguém falava disso. Ele incorporou novos temas e novas maneiras de ver. Então, o Touraine me influenciou muito. E outro que me influenciou, embora fosse mais moço naquela época, foi o Castells, porque ele permitia compreender mais organizadamente a sociedade em rede. E, nesse sentido, o Giddens também. Teve ainda um outro autor, um liberal, o Medina Echavarría²⁵, com quem eu trabalhei quatro anos. Ele influenciou muito o Enzo Faletto. O Enzo era anarquista, na verdade e o Medina era liberal clássico, weberiano e liberal. Ele discutia muito conosco e via a América Latina um pouco diferente da nossa visão de latino-americanos, porque ele introduziu, entre nós, o pensamento liberal. Então, aquilo também pesou.

Esses são os autores que me influenciaram. Eu li também todos aqueles autores americanos que estão citados no meu livro, mas não são propriamente pensadores capazes de influenciar o conjunto, com exceção do Wright Mills, que pesou mais, pois ele tinha um certo pensamento, não só fazia análise.

24 Maria Izaura Pereira de Queiroz, socióloga brasileira, formada na USP.

25 José Ramón Medina Echavarría, sociólogo espanhol que trabalhou, a partir de 1952, na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe das Nações Unidas (CEPAL), em Santiago do Chile. Em 1957, ele se tornou o primeiro diretor da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Liderou, ainda, de novembro 1963 até sua aposentadoria em 1974, o departamento de desenvolvimento social do “Instituto Latinoamericano de Planificación Económica y Social” (ILPES).

O Parsons nunca me influenciou muito, eu nunca entendi muito o que ele queria fazer. O Merton sim, não só pelo funcionalismo, como também pela análise que ele tem do Partido Democrata nos Estados Unidos. E, também, obviamente, o Almond, o Verba e todos os autores da teoria política americana. E outro, que ainda está vivo, está em Princeton, o Stepan²⁶, que é meu amigo; o Juan Linz, que trabalhava com ele. Todos esses me ajudaram a pensar processos, mas não foram autores fundamentais. Eu passei por tantas etapas, foram tantos anos de vida intelectual.

- **A sua ideia de um Estado poroso ao interesses da sociedade...**

Fernando Henrique Cardoso: Essa veio do Gramsci, mas foi expandida também.

- **Nos anos que o senhor esteve na França, duas questões norteavam a produção do conhecimento sociológico: a questão do engajamento dos intelectuais (notadamente a polêmica que se estabeleceu entre Sartre com Merleau-Ponty) e a preocupação de Raymond Aron com a tentativa de erigir uma sociologia para além dos determinismos econômicos colocados pelo marxismo praticado na época. Gostaria que o senhor comentasse a importância desses dois pensadores na formação de sua concepção teórica. Há alguma influência?**

Fernando Henrique Cardoso: Eu fui aluno do Aron. Embora, na época a gente reagisse muito, porque que ele era lido como um liberal antissocial. Ele deu curso pra nós sobre o Marx lá na Sorbonne. E ele e o Michel Crozier²⁷, que ministrou um outro seminário sobre burocracia que eu segui. Os livros do Aron me influenciaram, desde sua sociologia alemã até os livros dele sobre o mundo, a diplomacia e o poder no mundo. Nesse sentido, embora em outra área – a de relações internacionais – também o Kissinger²⁸ e o

26 Alfred C. Stepan, cientista político comparativista, professor da Universidade de Columbia, onde também é diretor do Centro para o Estudo da Democracia, Tolerância e Religião. Em 2012, Alfred Stepan foi agraciado com o prêmio Karl Deutsch, o maior prêmio na disciplina de Política Comparada/Ciência Política, concedido pela Associação Internacional de Ciência Política e, até agora, foi dada a Juan Linz (2003), Charles Tilly (2006) e Giovanni Sartori (2009).

27 Michel Crozier foi um sociólogo francês. Foi membro da Academia de Ciências Morais e Políticas da França e Diretor de Pesquisa emérito do “Centre national de la recherche scientifique” (CNRS).

28 Henry Alfred Kissinger é um diplomata americano, de origem judaica, que teve um papel importante na política estrangeira dos Estados Unidos entre 1968 e 1976.

Nye²⁹, com a ideia do “soft power”. Eu recebi muitas influências. O Sartre e o Merleau-Ponty brigaram. Todos brigaram. Eu gostei muito de “Humanisme et Terreur”³⁰, esse livro me influenciou. O livro do Sartre que me influenciou foi o “Questions de Méthode”³¹. São autores diferentes, brigam entre si, mas, como eu sou eclético, consigo transitar entre eles.

- **Estas filiações são um aspecto pouco registrado da sua biografia, não?**

Fernando Henrique Cardoso: Quase ninguém sabe. Nem da minha ligação com o Aron. Eu tenho até uma carta dele, que está por aqui, no meu arquivo. Eu não conheci o Merleau Ponty, mas o “Humanisme et Terreur” me influenciou, muito. O Sartre nos apaixonou em certa época, no final dos anos 1950, início dos anos 1960. Depois, quando eu era professor na França, já não tinha tanta paixão por ele, mas passei a ter pelo Aron.

- **Há uma referência do Reginaldo Prandi dizendo que o senhor teria proferido – ao menos no contexto brasileiro – o último discurso de um intelectual vivo³². Eu gostaria de saber qual é a sua perspectiva sobre o papel do intelectual no mundo de hoje.**

Fernando Henrique Cardoso: Não sei se eu sou o último vivo. No sentido de intelectual público, no mundo, tem muitos. Até de tendências diversas. Chomsky³³. Pensa muito diferente de mim, mas é um intelectual vivo. Falei antes do Touraine, que continua muito ativo. Na América Latina, você não observa o mesmo peso. Por exemplo, o Gino Germani³⁴, de quem fui muito

29 Joseph Samuel Nye Jr. é um cientista político norte-americano, o co-fundador da teoria da interdependência e da interdependência complexa nas relações internacionais e da teoria do neoliberalismo, desenvolvido em 1977 no seu livro *Power and Interdependence*.

30 PONTY, Merleau. *Humanismo e Terror*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

31 SARTRE, JEAN-PAUL. *Questão de método*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972.

32 A referência é a um episódio ocorrido durante a primeira campanha presidencial, em Águas de São Pedro, no qual Fernando Henrique Cardoso ia fazer uma conferência, mas estava atrasado. Então, improvisou-se um baile. Segundo o relato de Prandi, “foi todo mundo para este baile esperando por Fernando Henrique e, quando ele chegou todo mundo saiu correndo do baile para ouvi-lo.

33 Avram Noam Chomsky, linguista, filósofo e ativista político estadunidense. É professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

34 Gino Germani, sociólogo italiano falecido em 1979. Em 1934, emigrou para a Argentina depois de ter sido preso pelo regime fascista. Participou ativamente do “Centro de Estudiantes de la Facultad de Filosofía y Letras” da Universidade de Buenos Aires.

amigo: nós o criticávamos muito porque ele era funcionalista. Eu convidei ele para fazermos um trabalho juntos nos EUA. Ele foi professor do Vilmar Faria, que trabalhou muito comigo. Quer dizer, eu acho que ainda existem intelectuais. Um deles morreu há pouco, o Hessel³⁵ que, quando veio aqui, tinha noventa e poucos anos. Ele escreveu um livro chamado “Indignai-vos”. O movimento de los indignados³⁶, na Espanha, é consequência direta do livro do Hessel. Ele morreu, mas, antes de morrer, escreveu um livro que produziu um movimento social. Existe um grupo, chamado “Colégio Um”, que foi organizado pelo Rocard do qual o Hessel participou e eu também. Então, você ainda tem intelectuais que são capazes de mobilizar. É mais difícil, porque o mundo está muito mais especializado, muito mais “epapier”, muito mais dividido. O próprio Castells é uma pessoa que tenta entender o mundo em sua globalidade. Eu nunca tive essa pretensão, de entender o mundo em sua globalidade, nem o Brasil. Sempre fui muito mais modesto nas minhas proposições, no que eu queria fazer. E continuo sendo. É difícil você encontrar, no mundo de hoje, quem totaliza. Pega um cara como o Kissinger: o último livro dele “On China”³⁷, vale a pena ler! Ele pensa o mundo. Você pode concordar, não concordar, mas ele pensa o mundo. Têm vários cientistas políticos e de relações internacionais nos EUA e na França que tentam pensar o conjunto. É que o pessoal do Brasil é muito pouco conectado. Eu participo de outro grupo, que o líder é um jovem empresário americano, se chama Nicolas³⁸. Ele organizou um grupo que se chama “shadow cabinet”, um gabinete das sombras do G20. Cada vez que vai acontecer uma reunião do G20 nós nos reunimos e é muito interessante. Neste caso, não são intelectuais exatamente. Vai estar lá o Felipe González, o Gordon Brown, tem um paquistanês também, muito bom³⁹. Essa

35 Stéphane Frédéric Hessel, diplomata, embaixador, combatente da resistência francesa e agente da Bureau Central de Renseignements et d'Action.

36 O Movimiento de los indignados é um movimento cidadão formado após a manifestação de 15 de Maio de 2011, organizado em favor de uma democracia mais participativa e contra o domínio de bancos e empresas, bem como uma “divisão real de poderes” e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático.

37 KISSINGER, Henry. Sobre a China. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

38 O grupo em questão é o “21st Century Council”, ligado ao Instituto Nicolas Berggruen (NBI), um think tank dedicado ao estudo comparativo e à concepção de sistemas de governança adaptados aos desafios do século XXI. Formado por ex-chefes de Estado como Gerhard Schröder, Felipe Gonzalez, Gordon Brown, Ernesto Zedillo e Ricardo Lagos, pensadores como Joseph Stiglitz, Francis Fukuyama e Amartya Sen, e empreendedores globais como Jack Dorsey (Fundador do Twitter) e Eric Schmidt (Presidente do Google), o “21st Century Council” se reúne rotineiramente antes das reuniões do G20.

39 Shaukat Aziz - Ex-primeiro-ministro do Paquistão.

gente pensa o mundo; e pensa globalmente. Não propõem uma solução, uma síntese, porque não é esse o caso, mas fica vendo o que está acontecendo no mundo o tempo todo. Eu pertencço a outro grupo, de outra natureza, que o Mandela criou, “The Elders”⁴⁰. Nós não pensamos o mundo, mas atuamos sobre o mundo. A gente está conectado o tempo todo. Então, o Jimmy (Carter) manda uma mensagem dizendo “presta a atenção, houve tal coisa na Síria” ou outro dizendo “o governo do Irã libertou uma senhora que era ativista”, “escreva alguma coisa”. Nós, aqui, já escrevemos uma nota de apoio. Os intelectuais brasileiros estão muito deslocados dessa efervescência global. Eu gosto muito do Reginaldo, foi meu aluno. Mas ele não está conectado com essas coisas. Daí ele pensa que não existe. A atividade intelectual toma outras formas: não é mais o intelectual que publica um livro, mas tem vozes que são ouvidas no mundo por outros canais e que discutem temas que são globais.

- **Mas essas redes de intelectuais podem ser criadas para os mais diversos propósitos e geralmente estão associadas à discussão de temáticas específicas. O senhor considera que há um potencial subaproveitado que a comunicação pode oferecer para a atividade intelectual?**

Fernando Henrique Cardoso: Mas começa a existir também uma ampliação do debate. Eu citei aqui algumas iniciativas, das que eu sei. Essa do Berggruen é muito interessante. Ele publicou um livro, agora, comigo, intitulado Por uma governança global inteligente. Ao mesmo tempo, ele fez, lá com o grupo dele, uma proposta de uma nova Constituição para a Califórnia, levando em consideração a possibilidade de participação das pessoas. Enfim, tem muita coisa acontecendo. Mas, o que não tem mais é o Maître à penser, o grande pensador, como tinha, na França, o Sartre e o Aron.

- **E o Bourdieu...**

Fernando Henrique Cardoso: É, depois veio o Bourdieu. Eu nunca me afinei muito com o Bourdieu. É muito formalista pro meu gosto. Mas ele era, realmente, um Maître à penser. Nos EUA não existe a figura do Maître à penser, porque a sociedade é muito rica, tem muita universidade, é muito diversificada.

40 *The Elders (Os anciãos), organização não governamental que reúne onze personalidades públicas (mais dois membros honorários), entre estadistas, pacifistas e militantes dos direitos humanos. O grupo foi reunido por Nelson Mandela em 2007. É, atualmente, presidido por Kofi Annan.*

Então, você não tem um, mas tem várias figuras, que influenciam em áreas diferentes. O que começa a existir, agora, são “capelas”: você tem um sacerdote em cada capela, mas é pequenininho, só leem aquilo, só veem aquilo, não tem essa visão mais, digamos, transversal.

- **Acabamos não falando sobre os clássicos...**

Fernando Henrique Cardoso: É porque esses são mais conhecidos. (Risos).

- **Mas há sempre uma disputa em relação à interpretação da sua obra no que se refere à apropriação que o senhor fez de Weber e de Marx...**

Fernando Henrique Cardoso: Até hoje, o modo pelo qual eu vou lidar com um processo carrega essas duas características: é histórico e é estrutural. Então, o que há de Marx, está aí, eu sempre vejo as coisas deste ângulo. Mas eu não sou determinista, não acredito na filosofia da história. Não sou hegeliano. Ah, eu não falei de outro autor que me influenciou muito: Albert Hirschman⁴¹, porque ele tinha a paixão pela microdialética e pela dialética sem terceiro termo, sem a superação da superação, sem um destino da história. O Hirschman tinha capacidade de ver, através das coisas simples, o que muda o mundo. Os americanos chamam isso hoje de tipping point, ou seja, como é que você, mudando um pedacinho, abre o horizonte. Ele me influenciou muito. A mim e ao Serra⁴². O Serra é um grande intelectual. Ele esconde isso na vida prática, mas é um grande intelectual. Então, como eu estava dizendo: sem determinismo. É aí onde entra o Weber: como é que você dá significado às coisas? E, além disso, uma visão que é weberiana e que eu partilho, que é liberal no fundo, é a da pluralidade dos valores e a sua irreducibilidade. Eu sempre procurei não fazer reducionismo. Então, nesse sentido, eu não sei se eu consegui o inconciliável ou se eu uso o inconciliável dependendo do momento.

- **Eu tenho minhas dúvidas sobre essa irreconciliação...**

Fernando Henrique Cardoso: Eu também tenho, tanto que eu assim os uso.

Recebido em 10/01/2016

Aceito em 25/11/2016

41 *Albert Otto Hirschman, economista alemão e amigo pessoal de Fernando Henrique.*

42 *José Serra, economista e político paulistano.*